

Excerto traduzido do livro

Tamara Bach
Jetzt ist hier
Oetinger Verlag
Hamburg 2007
ISBN 978-3-7891-3169-1

Textauszug
S. 157-173

Tamara Bach
Agora é aqui

Traduzido por Renata Dias Mundt

Bowie está sentado na cozinha e olha fixo para o calendário. A folha de janeiro está vazia. O calendário não desempenha nenhuma função, é decoração, fica ali pendurado só porque em uma cozinha sempre deve haver um calendário pendurado, porque na cozinha sempre houve um calendário pendurado. Os compromissos do pai o seu palm sabe, o seu celular, seu filofax, a sua agenda no escritório, sua secretária. Amanhã é cinco de janeiro. O dia está em branco no calendário. E amanhã ela faria aniversário. O primeiro que eles não vão comemorar. Bowie quer calcular quantos anos a mãe faria, mas a matemática o deixa na mão, não faz sentido, a data de sua morte sempre se enfia no meio das contas e, além disso, o conjuntivo. Faria. Mamãe será sempre jovem. “Jovem demais”, a avó dissera, e que a filha não deveria morrer antes da mãe. O som do telefone invade o silêncio. Bowie olha o display, vê, não existem acasos, o número da avó. Bowie está ao lado do telefone que espalha seu som pelo apartamento como sal sobre a neve.

O telefone toca. Ziska se balança no umbral da porta, Mono lhe faz um aceno de cabeça, ela já tirou a mesa, está dispensada. Ele atende. “Eu esqueci totalmente, é para você ligar para a Sra. Heiland. Por causa da aula de piano.”

“Hoje?”

“É, liga. Vocês já comeram?”, a mãe muda de assunto.

“Já.”

“Bom. Liga. Nos vemos mais tarde. E a Ziska tem de estar no máximo às oito e meia na cama.” Despede-se e desliga.

Mono vê o caderno de telefones sobre a mesa, procura, a mãe é acurada, anotou o número. Mono disca e odeia o que está fazendo.

“Heiland?”, uma voz masculina atende.

“Nothvogel”, Mono diz seu sobrenome. “Estou ligando para sua esposa por causa das aulas de piano.”

O homem não diz mais nada para Mono, mas chama “Katrin!”, e ela vem. Mono ouve passos, ouve um cochicho e odeia telefonar mais do que tudo no mundo.

O pai chega, mas logo desaparece no escritório. Bowie vai atrás dele, pára na soleira da porta, olha para as costas da jaqueta cinza escuro.

“Que foi?”, pergunta o pai sem se virar, mas Bowie não consegue pensar em nada.

Fica em silêncio. O pai ouve nada durante dez segundos. Então se vira, só pela metade, em uma mão, um envelope, na outra, um corta-papel. Olha perguntando. Quanto mais ele olha, quanto mais espera, menos palavras surgem na cabeça de Bowie, simplesmente insuficientes para formar pelo menos uma frase com sentido. Bowie limpa a garganta, apóia-se em uma mão, sente a madeira, sente que naquele lugar a tinta está descascando. Que a tinta gruda em sua mão.

“Você vai ficar aqui hoje?”, pergunta Bowie.

“Vou.”

“Certeza?”

“Por que isso?”

“Amanhã é aniversário dela.” Saiu simplesmente da boca dele.

O pai olha para a carta, enfia a lâmina entre papel e papel.

“É verdade.”

Faz um corte, papel se solta do papel, fibras são separadas, tudo limpo. Ele puxa uma folha do envelope, abre-a. Lê. E Bowie está lá parado. Ele tem que dizer alguma coisa. Bowie não precisa dizer o nome dela, não precisa dizer “mamãe”, nessa casa é suficiente se falar “nela”, e mesmo que aconteça raramente, quando o pronome é mencionado, as paredes prendem momentaneamente a respiração, toda vez, pensa Bowie. Tem de haver alguma outra coisa. Algo entre os infundáveis telefonemas com a avó e este silêncio, esta suspensão do tempo, esta calma. Tem de haver alguma coisa que funcione sob o rótulo “normal”.

O pai parece ter se esquecido de Bowie, liga o computador, ao seu lado há um papel de depósito, ele pega uma pasta e é todo costas para Bowie.

Alguma outra coisa tem de haver.

Fienchen se aboleta ao lado da mãe no sofá. A mãe lhe dá o controle remoto.

O primeiro beijo de Mono

“Mas isso é...”, diz Mono e pensa em mais ou menos um milhão de atributos do que isso seja: doente, estúpido, bobagem, não tinha pensado assim.

“Não invente histórias”, diz Fienchen.

Mono suspira e olha à sua volta.

“Ninguém está olhando.”

Mono está com aquela ruga de raiva entre os olhos e Fienchen se segura para não rir.

“Eu não consigo.”

“Apenas feche os olhos e pense em alguma coisa boa.”

Ele não fecha.

“Ei, eu também não preciso fazer isso, então vá falar com a Ines e a beije.”

“Idiota”, ele bufa.

“A Ines?”

Mono olha mais uma vez à sua volta. Fienchen espera.

Ele respira fundo mais uma vez. “Okay.” E fecha os olhos.

O pai está sentado no sofá ao lado da mãe, diante dele, sobre a mesa, está o gulache requentado que ela guardou para ele. O pai está inclinado para frente, ao lado do prato, há uma garrafa de cerveja, um copo cheio até a metade.

A mãe descobre o filho. “Johannes, sente um pouco com a gente.”

Em outras circunstâncias, Zanker diria alguma bobagem para então sair. Ele se senta.

O pai enfia macarrão na boca, mastiga, bebe cerveja, coloca o copo, sem olhar, sobre o porta-copos.

A mãe olha para Zanker.

O pai muda o canal porque o noticiário está começando.

“Jörg?”, ela diz.

O pai assiste às notícias.

Zanker vê com o rabo dos olhos uma guerra.

“Pai?”

“O que é?”

Não incomode o seu pai durante o jantar, era a regra sagrada quando criança. Fiquem bonitinhos no quarto brincando. O pai trabalha pesado e precisa do seu jantar, tem de recarregar as baterias vazias. Depois, diziam naquela época, depois sim.

“Johannes quer ir hoje à noite a casa do Christian. Ele está sempre tão sozinho”, diz a mãe e faz um leve aceno de cabeça para Zanker.

“O que vocês vão fazer?”, pergunta o pai olhando nos olhos do moderador na televisão. O moderador olha para baixo para ler o texto.

“Assistir filmes.” Zanker espera. Relato sobre a bolsa. Uma empresa compra outra. Órgão de fiscalização de cartéis.

“Quando você está de volta?”

“Eu queria dormir na casa do Bowie. Se para você tudo bem.”

“Quem é Bowie?”

“Ah, o Christian, Jörg, você já sabe.” A mãe de Zanker olha para o marido que não discorda. Decide sozinha. “Bom, pode ir. Mas esteja aqui amanhã para o café da manhã.”

Zanker balança a cabeça cuidadoso, mais um olhar para o pai, esportes. Ele se levanta em silêncio, conta os segundos que leva para chegar à porta, conta devagar, espera, fecha a porta atrás de si sem que o pai tenha dito mais uma palavra.

“Você vai na Lene amanhã?”, Ziska pergunta.

Mono faz que sim com a cabeça e baixa as persianas. Ziska põe uma história para tocar. Mono vê.

“Mas não muito tempo”, ele diz.

Ziska confirma com a cabeça.

“Você vai ensinar piano para a Lene?”

“Vou.”

“E eu também vou aprender piano com você?”

“Desde quando você quer aprender piano?”

Ziska balança os ombros. Ela se enfia em sua cama. Mono se senta na borda, porque é assim que as pessoas fazem. O que vem depois, ele não se lembra.

“Você precisa de mais alguma coisa?”, ele pergunta então.

Ziska balança a cabeça.

“Alguma coisa para beber?”

Balança.

“Você foi ao banheiro de novo?”

Assente com a cabeça.

“Bom. Então, boa noite. Durma bem.”

Mono se levanta, vai até o interruptor, apaga a luz.

“Mono?”

“Sim?”

“Mas você ainda vai ficar até a mamãe voltar, né?”

“Claro.”

“Você deixa a porta um pouco aberta?”

Mono confirma com a cabeça, encosta um pouco a porta, ouve no corredor a melodia da fita de Ziska. Essa ele conhece. Ele pára e percebe que é uma antiga fita sua.

Por causa da mulher, é o que Bowie tem vontade de dizer, ele anda em seu quarto para lá e para cá. O que tem a mulher? Que mulher é essa? E por que ele precisa de uma mulher? Mas se ele sabe que amanhã a mãe faria aniversário, mas se ele, mas se ele... Merda. Argumentações devem ser lógicas, mas não há mais lógica aqui. Bowie tem passado desde o *réveillon* por uma cadeia de situações infelizes. *Fuck it*, não interessa, Bowie faz um esforço, se apruma, falar agora, não interessa como. Sai de seu quarto e faz uma volta de 90 graus na direção do escritório, nesse momento, a campainha toca, exatamente 180 graus na outra direção. Bowie vacila.

“Christian!”, o pai exclama atrás da porta. “Quem é?”

Bowie dá meia-volta, se recupera, abre a porta.

“Oi”, diz Zanker dando-lhe um leve empurrão para o lado. Atrás dele, um vento de inverno percorre seu caminho no corredor, escapa, não se deixa prender e baixa a temperatura ambiente em 1,2 graus Celsius. Zanker tira a jaqueta, de repente o pai está de pé no corredor.

“Boa noite”, diz Zanker.

O pai de Bowie balança a cabeça. “Vocês ainda vão fazer alguma coisa hoje?”, ele pergunta ao filho. Bowie confirma com um aceno de cabeça.

“Okay”, diz o pai, dá meia-volta de novo, pára, retorna ao filho. “Quanto a amanhã. Eu provavelmente não vou conseguir, vá por favor até a floricultura e escolha um arranjo para o túmulo. Eu deixo o dinheiro para você amanhã.” Balança a cabeça para si mesmo, vira, fecha a porta.

Fienchen vai para a casa de Mono. Se ela não buscá-lo, é capaz que ele não vá. Ela não fez nenhum esforço hoje. Se Zanker vem, é duvidoso. Ela quer finalmente dançar de novo, pois ainda não dançou neste ano. Ela está com frio. Merda. Isso significa que, mais tarde, vai congelar. Fienchen foge para dentro do metrô. Vê um homem, vê uma mulher com criança. Vê dois caras conversando alto. Enfia a cabeça entre os ombros. Espera as estações passarem e se irrita por não ter trazido sua bolsa, por estar sentada ali, sem música, sem livro e sem creme para as mãos.

Mono está sentado diante da televisão, sente-se como uma *babysitter* que só está esperando os pais voltarem para lhe darem seu dinheiro e ele poder ir para casa. Mas ele mora aqui, mesmo assim, olha para o relógio, já se trocou, não muito diferente, só uma outra camiseta, a calça ainda dá, o cabelo está como sempre. Mono olha para a tela, está atento à Ziska e à porta. Agora já não se ouve mais a história vindo do quarto dela, Mono vai até lá na ponta dos pés e abre a porta com cuidado. Na escuridão, Ziska respira na sua frequência de sono, mais rápido que Mono, assim como o coração dela bate mais rápido que o dele quando ele dorme. Ele sente o perfume de menina. Volta a encostar a porta em silêncio.

Quando a campainha toca, dá um pulo.

Fienchen o empurra para o lado.

“O que você está fazendo aqui?”, Mono pergunta.

“Eu também estou feliz em te ver”, diz Fienchen. “A gente pode ir?”

Teoricamente, o show já começou há quinze minutos, mas eu não acredito muito nisso.”

“Não dá.”

“Ah, não vai me dizer que mudou de idéia!” Eu sabia, ela pensa.

“Não, eu preciso esperar até os pais voltarem.”

“Ah, bom.” Ela pensa um pouco, Então pode tirar o casaco. Às costas de Fienchen, uma chave gira na fechadura, ela dá um passo rápido para frente, rápido o suficiente para que a porta não acerte sua coluna. Dá meia-volta. Mamãe e papai Nothvogel. “Bom, então nós podemos ir”, diz Fienchen.

A mãe de Mono levanta as sobrancelhas. “A Ziska está na cama?”

“Está.”

“Mais alguma coisa?”

“Não, posso ir?”

“Pode, nós vamos ficar aqui. Não fique até muito tarde, tá?”

Mono confirma com a cabeça, arranca de passagem a jaqueta do gancho e segue Fienchen que é ainda mais rápida que ele.

Zanker olha em volta. Para uma quarta-feira, até que está cheio, mesmo assim, a banda ainda não está tocando, nem mesmo a banda que abre o show, e, na verdade, Zanker está totalmente contrariado por chegar tão cedo em um lugar, cedo no sentido de antes que tudo tenha começado. Mas Bowie queria sair de qualquer jeito. E agora eles

estão pendurados no balcão, Bowie em seu banco, Zanker virado exatamente ao contrário, porque gosta de ter uma boa visão do local, enquanto Bowie parece se interessar apenas pelas garrafas na parte de trás do bar. Zanker olha à sua volta, muitos da sua idade, claro, férias. Alguns estudantes universitários, vários caras, deve ser a música. Uma ou outra menina. Uma ou outra mulher. Zanker respira fundo, pois não conhece praticamente nenhuma. Algumas de vista. Nada especial.

Fienchen empurra a pesada porta, o porteiro pega o seu ingresso, põe um carimbo no seu pulso. Atrás dela, Mono entra tropeçando. O radar de Fienchen funciona. Lá está Zanker. Com os braços apoiados no balcão, está ali de pé, de perfil, de forma que a luz vermelha se reflete em seu rosto. Fienchen amolece. Mono demora um pouco mais até encontrar os outros dois, vai na frente. Zanker vê que a banda finalmente começa a subir ao palco. Vira, toma um gole, pelo menos agora vai começar. Alguns batem palmas, porque, ao que parece, conhecem a banda pessoalmente. O vocalista sorri na direção do público.

Mono acha o lugar errado no balcão, fica de pé ao lado de Bowie, que levanta uma mão mole depois que Mono o cutuca com o dedo. Zanker faz um aceno de cabeça, Fienchen se enfia entre Zanker e Bowie. Zanker se debruça por cima de Fienchen na direção de Bowie, o perfume dele sobe até o nariz dela.

“Não tem nenhuma menina aqui”, diz Zanker.

Fienchen se encolhe.

Bowie desperta, aponta o queixo na direção dela, diz: “Ah, lógico.” Zanker eleva uma sobrancelha, segue o olhar de Bowie e sorri sem graça. Ele dá uma cotovelada na costela de Fienchen, de leve, ele acha. Dói, ela diz “Au”, esfrega a mão no local, pensa no seu tecido conjuntivo levantando uma grande placa escrito “Bem-vinda!” para qualquer mancha rocha. Zanker não percebe, não sente os olhos de Fienchen em seu rosto. Só Bowie olha para ela, mas ela não vê. Bowie percebe que ela tem belos cílios longos. E agora que ela está olhando para baixo, na direção de seus sapatos, ele percebe as sombras escuras que se formaram abaixo dos seus olhos, na bochecha. De repente, o braço de Bowie sente que pertence ao ombro de Fienchen, mas Bowie não o deixa. O espírito vence a matéria.

“Eu vou para frente”, diz Zanker e desaparece.

Fienchen pede alguma coisa. Mono olha em sua carteira. Fienchen coloca uma cerveja na sua frente.

A banda conta, umdoistresquatro. Bowie finalmente se vira e fica sentado com o corpo virado para Fienchen.

Então a porta se abre, e lá está Natalie.

Ah, só faltava essa, pensa Fienchen. Mas vê o olhar de Mono e pensa rápido em alguma coisa boa.

Aí está ela. Mono nem imaginou. Pensou que Fienchen só tinha inventado isso para ele vir junto, mas pelo visto ela não mentiu. Lá está Natalie, olhando à sua volta, atrás dela, mais uma vez a amiga obrigatória, mas nenhum cara (!). Natalie olha em volta, balança a cabeça no ritmo da música, sua amiga lhe diz algo no ouvido, Natalie confirma com a cabeça, a amiga vai para outro lugar, e talvez Mono a encare tão intensamente que não lhe reste realmente nenhuma alternativa a não ser vê-lo também. As orelhas de Mono queimam, mas a luz se compadece dele. “Ah”, Natalie parece dizer e anda! Na! Direção! Dele!

Os olhos de Fienchen procuram Zanker no Moshpit. Ele está em algum lugar lá na frente, em algum lugar lá onde de repente há um grande tumulto.

“Você não quer dançar?”, pergunta Bowie repentinamente.

“Não”, diz Fienchen.

Bowie balança a cabeça. Vê Fienchen ainda com o olhar fixo na frente, percebe que a música não lhe interessa, que o corpo dela não assimila praticamente nada. Ela está ali sentada, paralisada, só sua cabeça se move milimetricamente, Bowie vê seus olhos focados na multidão. Em Zanker.

“Oi!”, diz Natalie.

“Oi!”, Mono cacareja.

“Você está sozinho aqui?”, pergunta Natalie e ele adoraria dizer Sim. Mas balança a cabeça indicando que os dois ali estavam com ele. Que ele estava com eles.

“Ah”, diz ela e passa os olhos rapidamente por Fienchen e Bowie. Mono sorri tanto, que sua boca já está doendo e a dor chega até atrás das orelhas, mas não consegue parar. Natalie se debruça sobre o balcão, pede alguma coisa e Mono transpira nervoso, pois gostaria tanto de lhe pagar alguma coisa, mas não pode. Não dá. Uma água, talvez. Mas isso não ia pegar bem, água, ia ser mal. Ele vê o barman cortar limões, isso ele não poderia pagar mesmo. Nesse segundo, Mono encolhe mais ou menos três centímetros e meio, o que não chama a atenção de ninguém, porque ele está sentado e porque é um dos altos. Mas experimente encolher três centímetros e meio. Isso não se faz assim, sem

mais nem menos. Natalie sobe no banco ao lado dele como se nunca tivesse feito outra coisa na vida, senta, olha em volta.

“E você?”

Natalie eleva as sobrancelhas sem entender.

“Está aqui com quem?”

Ela chupa o canudo e indica com o copo a menina de antes. Ela está na frente de um cara, gritando, o que ninguém consegue ouvir, rock punk, o cara é pelo menos uma cabeça e meia mais alto que ela, suas palavras parecem chegar só até o queixo dele.

“Oh,” diz Mono.

“É”, diz ela e coloca seu copo sobre o balcão.

Diga alguma coisa. Diga alguma coisa.

A banda anuncia que vai tocar a última música. O povo protesta. O vocalista se desculpa. “Nós ainda não temos mais músicas, sorry.” Mas fica feliz.

“Já acabou?”, pergunta Fienchen. Como não há ninguém mais ali, pergunta para Bowie.

“Não sei, talvez eles só fossem abrir o show.”

“Ah.” Para Fienchen, a noite agora já acabou. Zanker pula no ritmo da música. Ela sempre vê os cabelos dele na multidão. Quando a banda sai do palco, Zanker desaparece.

Mono bebe um grande gole de coragem. “Minha irmãzinha hoje foi a única que saltou o cavalo mais alto.”

Natalie não o entende. De repente, Mono também não se entende.

“Sua irmã?”, pergunta Natalie delicadamente.

“É, minha irmãzinha. Ziska.” Mono bebe mais um gole. “Hoje na aula de ginástica. Ficou orgulhosa como se fosse um Oscar.”

E Natalie sorri.

Fienchen também não registra nada da segunda banda. Em algum momento, volta a ver Zanker que não apareceu no bar. Inconscientemente, ela se embala, dobrando os joelhos no ritmo da música. Balança a cabeça.

“Ainda não quer dançar?”, pergunta Bowie.

E no fundo era isso que ela devia fazer para estar próxima de Zanker, dançar ao lado dele, mas alguma coisa a impedia. “Não é muito o meu tipo de música”, diz.

Bowie sorri.

Fienchen retribui. “Ei, até que dá”, ela diz e finalmente olha para ele. Bowie tem uma vaga idéia do que ela quer dizer.

Natalie olha preocupada para sua amiga. Parece que o cara disse alguma coisa que a amiga não queria ouvir.

“Shit”, diz Natalie.

“O que foi?” Mono se assusta, pois ela desce do banco e pega sua bolsa no cabide. A amiga vai tropeçando, cega de lágrimas, na direção da porta, passa por Natalie, sem vê-la.

“Eu acho que preciso ir.”

Ele balança a cabeça e, de repente, pensa rápido. “Você vai fazer alguma coisa amanhã?”

Ela olha para ele, diz em algum momento, após uma eternidade: “Amanhã? Eu já tenho um compromisso.”

Mono perde mais um centímetro de meio.

“Mas de tarde eu tenho tempo. Lá pelas quatro?”

Quatro parece de repente o melhor horário existente desde tempos imemoriais.

“Quatro, ótimo”, diz Mono.

“Onde?”, pergunta Natalie.

“Eu te ligo”, diz Mono porque não consegue pensar em nada tão rápido. “Você tem meu telefone?”, pergunta ela.

Mono confirma.

“Claro”, ela diz. Lembra-se de repente que sua amiga está sofrendo lá fora, diante da porta. “Bom, então até mais”, ela diz, se vira e vai embora.

Eu tenho um encontro, pensa Mono. Com Natalie, ele pensa. Às quatro, sua voz interior canta. Às quatro. Às quatro?! Droga!

“Vou ao banheiro”, diz Fienchen para Bowie e se pergunta um segundo depois o que ele tem a ver com isso, mas ele balança a cabeça.

Lá está uma menina em uma sala azulejada onde as vozes surgem, vozes das cabines, mas ela está lá de pé, olhando no espelho que surgiu à sua frente, curva-se, as

mãos apoiadas sobre a pia, porcelana molhada, curva-se ainda mais para frente e se pergunta: Fienchen, o que você está fazendo aqui?, pois é tudo repetido, sempre uma esperança que brilha logo que o rosto dele aparece, e ela nem mesmo se arrumou, nem trouxe nada com que pudesse mudar um pouco o visual, está com a mesma cara de sempre, só passou rímel, não fez mais nada hoje, está usando o mesmo de sempre, as mesmas roupas, o mesmo rosto, usando o mesmo sentimento de sempre por Zanker, que já está perdendo a graça, e se Fienchen fosse uma série de TV, já tinha parado de assistir a si mesma. Não vale a pena. Fienchen ouve a descarga em uma das cabines, ouve o eco e a voz de uma menina que continua a falar enquanto abre a porta de uma cabine, enquanto a sua interlocutora ainda está sentada atrás de outra porta, escutando. “Mas sério, ela é totalmente *over*, a velha! Vem aqui e fica gritando. Totalmente idiota.” E, da cabine, ouve-se um “Totalmente!”.

Fienchen lambe o indicador, limpa uma sujeirinha sob o olho direito, apruma-se e dá as costas para a sua imagem no espelho.

A cerveja está vazia, mas Mono finge não se importar. Bowie olha para a porta e espera por Fienchen, vê Mono olhando o entorno, pede mais uma cerveja e aponta para ele.

Fienchen volta, a banda já saiu faz tempo, finalmente há um cara sentado no banco do DJ tocando enquanto os instrumentos são desmontados no palco. Ela chacoalha alguma coisa fora, vai para a pista de dança e fecha os olhos.

Bowie a observa, vê seus punhos fechados, vê os passos, o bater de pés, os chutes no ar, vê Fienchen dobrar o tronco e as meninas ao seu redor tomarem distância segura. Zanker vai parar no balcão. Junta-se a Mono, junta-se a Bowie, acompanha, desinteressado, o olhar de Bowie e vê Fienchen na pista de dança. Bebe um gole, coloca a cerveja de lado e vai até ela.

De novo, não, pensa Mono.

Zanker vai dançando devagar até se aproximar de Fienchen, e como ela é Fienchen e ele, Zanker, ela percebe até de olhos fechados, antes mesmo de ele tocá-la. Você por acaso sabe como eu gosto de dançar com você?

Bowie se vira para o balcão.

Em algum momento, aparece uma outra que fica olhando para Zanker até ele percebê-la. Ela lhe sorri. Zanker vê e continua dançando.

“Você dança super bem”, ela diz pouco depois em seu ouvido.

“Eu sei”, responde Zanker que não se deslocou nem um centímetro na direção dela. Que, mais uma vez, só esperou.

Convencido, a menina pensa.

Fienchen percebe alguma coisa, vira e pára no meio do movimento. Ela leva um encontrão e empurra de volta, sem olhar. Lá está mais uma. De repente, ela ensurdece para a música que está tocando. Já está de novo no bar, olha, sua jaqueta ainda está lá. Mono também, Bowie também. Em algum lugar às suas costas, Zanker dança com a próxima. E, no fundo, ela gosta da música que está tocando. Até há pouco gostava bastante dessa música. Agora ela parece bem distorcida.

“Aqui está muito parado”, diz Fienchen com a esperança de alguém encontrar um contra-argumento.

“Sabe de uma coisa? Eu acho que o céu, ou o além-mundo, ou seja lá como isso se chame, é uma montanha verde no mar com uma cachoeira e névoa na costa”, diz Bowie ao lado de Fienchen, olhando para a parede atrás do balcão. Ele diz isso em voz baixa, contra o barulho, contra o baixo, contra o pedido da tropa ao seu lado, contra a dança de Zanker. Mesmo assim, Fienchen o ouve, ouve-o claramente, como se tivesse dito diretamente em seu ouvido, mas os lábios de Bowie estão selados de novo quando ela se pergunta o que deve dizerperguntar. Quando ela finalmente abre a boca, ele olha para sua garrafa, então para Fienchen, se levanta, estica as costas, diz “Estou indo”, normalmente, como se ainda planejasse fazer alguma coisa. Fienchen faz um sinal com a cabeça, ele levanta a mão na direção de Zanker, acena para Mono, gira nos calcanhares e sai.